

INÊS TELES

Galeria
SALA 117

Curadoria / HUGO DINIS

29 SET – 17 NOV
INAUG. 29 SET 18H

VINDAUGA — OLHO DE VENTO

A palavra *vindauga* (olho de vento) tem origem no norueguês antigo e significa olho (*auga*) de vento (*vindr*). Com diferentes ortografias, esta palavra é usada noutros países nórdicos - como a Dinamarca, Suécia e Islândia - e deu origem à palavra inglesa window (janela). Sobre este ponto de vista, pode-se referir que janela é algo que permite a passagem de luz do exterior para o interior e, também, permite que a visão passe do interior para o exterior. Ambas estas passagens tornam possível que o ar ou vento, essas entidades invisíveis, sejam perceptíveis ou sentidas.

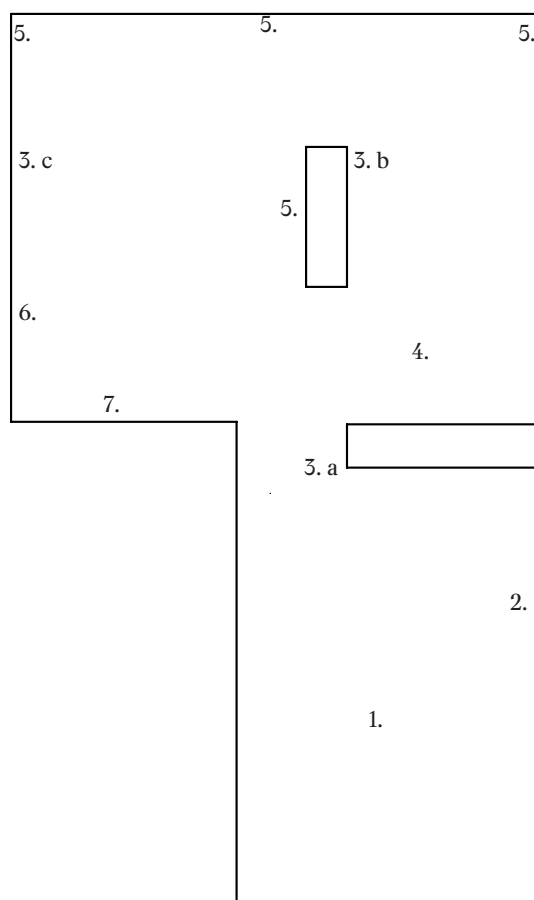
As obras que Inês Teles (Evora, 1986) apresenta na exposição *Vindauga - olho de vento* têm como ponto de partida a janela que é materializada através do gradeamento, usualmente utilizado para protecção. Este objecto, que se encontra a intermediar o exterior do interior, torna-se o foco do desenho que se encontra nas pinturas sobre tecido: *ao vento*, *Flexão* e *Grade em queda*. Através de técnicas ancestrais e tradicionais, como o *Batik*, e recorrendo a pigmentos naturais, estas pinturas revelam superfícies inebriantes para deleite dos seus mais atentos espectadores. Contudo, estas paisagens celestes são cruzadas por linhas estilizadas que provêm dos gradeamentos das janelas. As linhas são desenhos fluídos que se tornam espaciais e tridimensionais nas estruturas metálicas que suportam as pinturas. A grade, ao impedir a passagem, faz com que o desenho se torne uma espécie de âncora visual que desvela a superfície sobre a qual aparece. Este mesmo efeito pode-se vislumbrar nas pequenas esculturas em resina colorida que se instalam nas paredes da galeria, o *Desenho à parede*. Neste caso, as linhas activam o espaço arquitectónico que as suportam, revelando deste modo a sua imprescindível importância para a percepção dos objectos e da sua relação com o espaço envolvente.

A relação entre linha ou desenho e pintura ou espaço parece ficar clarificada na *Obra-prima Desconhecida* (1831) de Honoré de Balzac: Rigorosamente falando, o desenho não existe! A linha é o meio pelo qual o homem se dá conta do efeito da luz sobre os objetos; mas na natureza, onde tudo é cheio, não há linhas: é modelando que se desenha, isto é, que se destacam as coisas do meio em que elas se acham: é somente a distribuição da luz que dá aparência ao corpo!».

As obras de Inês Teles indagam a capacidade do espaço existir em consonância com o desenho que o revela. Este processo de desvelamento parece só ser possível porque existem gestos, linhas e pormenores que transcendem da pura criação artística, ou seja, do seu processo experimental e delirante. Através de vestígios de pó de diversas e misteriosas origens, como aparas de metal, borracha, cinzas, etc., os objectos transvasam a sua própria matéria e expandem-se não só para o espaço físico envolvente mas também, e sobretudo, para o espaço emocional e sensorial da percepção dos seus espectadores.

INÊS TELES

1.
ao vento, 2018
Pintura sobre tecido em estrutura em latão; 70 x 163,5 x 200 cm.
2.
Flexão, 2018
Aparas de metal, detritos, pigmentos, resina e verniz; 97 x 1,5 x 16,5 cm.
3.
Série *Pinturas secas*, 2018
Acrílico, pigmento e restos sobre vidro soprado.
a. - 42 x 80 x 41 cm
b. - 35 x 20 x 16 cm
c. - 53 x 26 x 20,5 cm
4.
Linha líquida sobre espaço à sombra, 2018
Tinta acrílica sobre tecido; 151,5 x 135 cm.
5.
Desenho à parede
(*fragmentos de algo maior*), 2018
Aparas de metal, detritos, pigmentos, resina e verniz; dimensões variáveis.
6.
Grade em queda, 2018
Óleo sobre tela; 203 x 108 cm.
7.
Espiral em barra quadrada, 2018
Aparas de metal, detritos, pigmentos, resina e verniz; 41 x 29 x 4 cm.



VINDAUGA — OLHO DE VENTO

29 SET — 17 NOV

INÊS TELES

Inês Teles (Évora, 1986) vive e trabalha em Lisboa. Iniciou a sua formação na FBAUL, com uma licenciatura em Pintura, e em 2010 prosseguiu os estudos em Londres, completando uma pós-graduação na Byam Shaw, na Central Saint Martins, e Mestrado em Pintura na Slade School of Fine Art, na UCL. É representada pela galeria SALA 117.

Exposições (selecção): (2018) *10.10.10 Arte entre Cidades*, curadoria de Gabriela Raposo, obra pública em Alenquer; (2017) *Blinds*, curadoria de Maria Joana Vilela, no Águas-Livres 8, Lisboa; (2015) *Descontorno*, Casa de Burgos, curadoria de João Pinharanda, Évora; (2014) *For(Matter)*, residência artística e exposição com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Atelier Concorde, Lisboa; *Círculo a dentro, imagem que sai fora*, no Espaço Avenida - CAVE 211, Lisboa; ART STABS POWER *Que se vayan todos!*, curadoria de Inês Valle, *Bermondsey Project*, Londres; *Estado de Sítio*, Plataforma Revólver; Lisboa; (2013) *17ª Bienal de Cerveira*, Vila Nova de Cerveira; MA/MFA Degree Show, Slade School of Fine Arts, UCL, Londres.

Em 2013 foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian através do programa de Estudo de Especialização e Valorização Profissional em Artes no Estrangeiro, fez uma residência artística em Budapeste, com o apoio do Museu de História de Budapeste - Budapest Gallery e da Câmara Municipal de Lisboa em 2016 e no ano seguinte foi seleccionada para 11º Prémio Amadeo de Souza-Cardoso.

Tem participado em várias exposições colectivas internacionais, como *Variations portugaises*, no Centre d'art de Meymac, curadoria de Caroline Bissière e Jean-Paul Blanchet, Meymac (FR), na Sztuka Wyboru em Gdask (Polónia), no The Drawing Center, em Nova Iorque, na Galeria Kogan, em Paris, bem como na *6a Biennale Jeune Création Européenne 2017-2019*, em Montrouge em França.

ORGANIZAÇÃO

SALA 117

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO

Olinda Magalhães

CURADORIA

Hugo Dinis

APOIO À PRODUÇÃO

Diana Gonçalves

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Luís Cepa

FOTOGRAFIA

Filipe Braga

COMUNICAÇÃO

MSImpacto



Rua Damião de Góis,
200 4050-222 Porto

351 220 129 924
351 919 728 080

info@sala117.com
www.sala117.com